

25 anos de teses e dissertações brasileiras sobre jornalismo na internet

MARCELO ENGEL BRONOSKY

*Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa,
Paraná, Brasil*

LUCAS SANTOS CARMO CABRAL

*Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa,
Paraná, Brasil*

ID 2563

Recebido em

20/09/2021

Aceito em

16/02/2022

Este artigo apresenta um panorama quantitativo das teses e dissertações sobre jornalismo e transformações tecnológicas entre 1995 e 2019. Através dos dados abertos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), foram levantados os termos utilizados nos títulos e palavras-chave com a intenção de mapear tendências, regularidades e designações superadas no âmbito da produção acadêmica. Leva-se em consideração que as palavras enunciam teorias e metodologias dos estudos sobre a convergência tecnológica e o jornalismo. Os dados revelam características no uso de termos cada vez mais específicos nas pesquisas e uma ligação entre o surgimento e a popularização de tecnologias e os temas estudados, demonstrando certo movimento enunciativo.

Palavras-chave: Jornalismo. Convergência. Teses e dissertações. Bibliometria.

25 Years of Brazilian Thesis and Dissertations about Journalism on the Internet

This paper presents a quantitative panorama of the thesis and dissertations on journalism and technological transformations from 1995 to 2019. Using open data from the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (Capes), the terms used in the titles and keywords were brought up with the intention to map trends, regularities and outdated designations in the scope of academic production. It is taken into account that the words enunciate theories and methodologies of studies on technological convergence and journalism. The data reveal characteristics in the use increasingly specific terms in research and a link between the emergence and popularization of technologies and the themes studied, demonstrating a certain enunciative movement.

Keywords: Journalism. Convergence. Thesis and dissertations. Bibliometric.

25 años de tesis y disertaciones sobre periodismo en internet

Este artículo presenta un panorama cuantitativo de las tesis y disertaciones sobre periodismo y las transformaciones tecnológicas entre 1995 y 2019. A través de datos abiertos de Coordinación de Mejora de Personal de Nivel Superior (Capes), se plantearon los términos utilizados en títulos y palabras clave con la intención de mapear tendencias, regularidades y denominaciones desfasadas en el ámbito de la producción académica. Se tiene en cuenta que las palabras enuncian teorías y metodologías de estudios sobre convergencia tecnológica y periodismo. Los datos revelan características en el uso de términos cada vez más específicos y un vínculo entre el surgimiento y popularización de las tecnologías y los temas estudiados, demostrando cierto movimiento enunciativo.

Palabras clave: Periodismo. Convergencia. Tesis y disertaciones. Bibliometría.

Marcelo Engel **BRONOSKY**

Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Professor titular da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) nos cursos de graduação e mestrado em Jornalismo.

Universidade Estadual de Ponta Grossa,
Ponta Grossa, Paraná, Brasil

E-mail: mebrono@gmail.com

ORCID



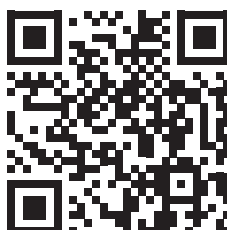
Lucas Santos **CARMO CABRAL**

Mestre em Jornalismo pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Graduado em Jornalismo pela mesma instituição.

Universidade Estadual de Ponta Grossa,
Ponta Grossa, Paraná, Brasil

E-mail: lcabral.98@gmail.com

ORCID



Introdução

Este artigo tem a intenção de mapear a multiplicidade de termos adotados para tratar do uso de tecnologias e da internet no jornalismo, além de traçar um panorama de seus usos ao longo do tempo, identificando ascensões e quedas, assim como substituições. Tem-se em mente que tais termos carregam consigo vertentes teóricas e/ou metodológicas para além das suas versões primeiras, assumindo sentidos outros. Para que se alcance tal objetivo, será realizada uma breve revisão bibliográfica no tema do jornalismo e convergência tecnológica com a intenção de apresentar o terreno investigado e demonstrar na teoria, especialmente através de revisões anteriores, movimentos no uso dos termos utilizados para falar sobre o assunto.

Após a revisão, para que se identifique na prática os termos utilizados, será realizada uma consulta ao banco de dados abertos de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), agregando em um banco específico os trabalhos produzidos desde 1995¹ até 2019 que possuam ligação com o tema. Os dados foram tratados e organizados para que, a partir disso, fossem produzidos gráficos que demonstrassem os termos que já foram utilizados e que hoje desapareceram, os termos que permanecem e aqueles que se tornaram tendências nos estudos de jornalismo hoje.

Com os objetivos já delimitados, este artigo se configura em quatro seções. A primeira delas se dedica a uma breve revisão bibliográfica; a segunda apresenta a metodologia aplicada na busca, no tratamento e na organização dos dados utilizados para a produção de resultados; a terceira apresenta os gráficos refletindo sobre os principais resultados; e a última apresenta considerações acerca do estudo.

Entre múltiplos conceitos e apropriações

O recorte escolhido para este artigo é representativo de um marco para o jornalismo brasileiro e mundial. No fim de 1994, o *Jornal do Comércio On-line* fez a primeira publicação jornalística da internet brasileira. No ano de 1995 surge o primeiro site de um jornal brasileiro na internet: o *JB Online*. No mesmo ano, foi lançada a *Folhaweab*, site da *Folha de S.Paulo*, e registradas páginas d'*O Estado de S. Paulo*, *O Globo*, *O Estado de Minas*, *Zero Hora*, *Diário de Pernambuco* e *Diário do Nordeste* (PALACIOS; GONÇALVES, 1997). A história do pioneiro *JB Online*, assim como uma descrição mais ampla do processo de surgimento da rede mundial de computadores, é documentada por, entre outros/as autores/as, Baldessar (2009).

Um panorama amplo dos primeiros momentos da internet brasileira, assim como uma descrição das primeiras iniciativas foram realizados por Palacios e Gonçalves (1997) em seu Manual de Jornalismo na Internet produzido para a disciplina sobre jornalismo on-line criada em 1995 na Universidade Federal da Bahia (UFBA) (BARBOSA; MACHADO; PALACIOS, 2018). A própria criação da disciplina é representativa do pioneirismo exercido pelos professores na UFBA e da relevância deste marco temporal. Porém, algo mudou desde então, tanto por causa das leituras dos impactos do desenvolvimento tecnológico quanto por inovações relacionadas aos modos de fazer jornalismo, já que a inovação não está restrita à tecnologia e pode existir de diversas maneiras diferentes (FLORES, 2017; STORSUL; KRUMSVIK, 2013).

Tais transformações, na prática, costumam ser acompanhadas de perto pela pesquisa em jornalismo e comunicação. As apropriações que ganham destaque são diversas: há trabalhos com foco nas diversas crises de um jornalismo pós-industrial (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013); há pesquisas preocupadas com as redes sociais e/ou com os impactos dos algoritmos (BROERSMA; ELDRIDGE II, 2019; LEWIS; MOLYNEUX, 2018); com as mudanças no mercado de trabalho (COHEN, 2015; 2019); com as transformações no modo de narrar (AITAMURTO, 2019; DOMÍNGUEZ, 2017; LENZI, 2019; LONGHI; LENZI, 2017; WAHL-JORGENSEN, 2020); entre diversas outras abordagens.

¹ Surgimento do primeiro site jornalístico no Brasil (BALDESSAR, 2009).

Para explicar o impacto desses fenômenos, é possível recuperar a noção de convergência, popularizada por Jenkins (2015) e exaustivamente utilizada em trabalhos sobre o tema, sendo isto útil para desenhar um contexto e demonstrar que a convergência é mais do que um fenômeno tecnológico, sendo também cultural e social. A reflexão de Jenkins, contudo, é passível de críticas. Um de seus críticos, que serve aqui também para um caráter ilustrativo, é Garson (2019). Para ele, as discussões em torno do poder e das classes sociais deveriam assumir destaque, demonstrando uma visão otimista de um processo que ainda perpetua opressões. Da mesma forma, é possível compreender a convergência como algo amplo. Por isso, a utilização desta ideia: demonstrar que a transformação pode ser ativada por uma movimentação tecnológica, mas está muito além dela.

É por isso que as pesquisas têm interesses tão distintos entre si, mesmo que de alguma forma tentem compreender um fenômeno que é o mesmo: o jornalismo no ambiente digital. Da mesma forma, os termos e conceitos utilizados para falar desse jornalismo na internet são variados, como se constata em revisões bibliográficas como a de Salaverría (2019). Há quem fale de “jornalismo digital”, de “webjornalismo”, de “ciberjornalismo”, de “jornalismo *online*” – para ficar entre os mais recorrentes. As nomenclaturas utilizadas, porém, carregam significados diferentes.

Segundo o autor, o termo que alcançou popularidade na língua espanhola e portuguesa é o “ciberjornalismo”, o que pode ser interessante relembrar na seção empírica deste trabalho. O pesquisador, que defende o uso do termo “ciberjornalismo”, opta por utilizar “jornalismo digital” por este se tratar de um termo mais amplo. Ele explica: “Significa dizer [que o ‘ciberjornalismo’] identifica o jornalismo que se pratica nas redes digitais. Enquanto isso, a expressão ‘jornalismo digital’ é mais ampla: designa todo aquele jornalismo que se pratica com tecnologias digitais. A diferença é sutil, mas relevante” (SALAVERRÍA, 2019, p. 3, tradução nossa).² Uma das carências da revisão do autor está na omissão do termo “webjornalismo”, extremamente comum nas pesquisas brasileiras, como fica claro nos resultados deste artigo.

Em sua revisão, Salaverría (2019) destaca diversas características que apareceram com força nas pesquisas sobre o jornalismo digital. Uma das principais é o conteúdo gerado por usuários e os blogs. Alguns trabalhos, como é o caso do de Orihuela (2006) citado por Salaverría (2019), identificam uma espécie de revolução na aparição dos blogs. O autor fala que o “jornalismo cidadão” ganhou muita força nos estudos da primeira década de 2000. As datas levantadas e até mesmo os anos das citações serão relevantes para a observação dos dados gerados neste trabalho, afinal os blogs possuem bastante proeminência nas pesquisas e será possível observar sua relevância ao longo do tempo.

A participação desses “novos atores” continua sendo tema de várias pesquisas. Muitas delas, porém, constatam que o ambiente participativo e democrático de que tanto se falava continua mantendo as mesmas hierarquias anteriores a ele (CARLSON, 2016; MAGNONI; MIRANDA, 2018).

Outras duas vertentes relevantes destacadas por Salaverría (2019) são as de estudos voltados às plataformas, especialmente a web, os *smartphones* e os *tablets* e as linguagens, passando pelo jornalismo *long-form* e o imersivo, por exemplo. Será possível visualizar nos dados obtidos para este artigo que alguns desses estudos aparecem, mas não possuem a força que se espera. Um motivo para isso pode ser, justamente, o fato de serem vertentes específicas que aparecem em conjunto com termos mais abrangentes quando são temas de trabalhos. Portanto, poderia ser necessária uma busca específica por cada um desses termos para que se encontrassem seus usos. O artigo de Salaverría (2019) é denso, agregando onze páginas de referências bibliográficas, e oferece um panorama amplo. Recomenda-se sua leitura completa. Porém, neste artigo, a revisão do autor serve somente para demonstrar a amplitude e a variedade de pesquisas possíveis.

² No original: “Es decir, [el ciberperiodismo] identifica al periodismo que se practica en las redes digitales. En cambio, la expresión ‘periodismo digital’ es más amplia: designa todo aquel periodismo que se practica con tecnologías digitales. La diferencia es sutil, pero relevante”.

Um estudo que inspirou a iniciativa deste artigo foi o de da Luz e Bomfim (2019) no qual se revisa os métodos utilizados nas teses e dissertações sobre convergência entre os anos de 2012 e 2017. Os autores apresentam um gráfico que revela um pico de estudos sobre o tema em 2014 e uma posterior queda até 2017. Esta constatação foge do escopo do trabalho de da Luz e Bomfim, mas gerou uma série de questões tais como: o termo convergência está em desuso? O que estaria substituindo os estudos sobre convergência?

Obviamente, o estudo de da Luz e Bomfim (2019) tem um caráter qualitativo, centrado numa amostra reduzida de trabalhos e com inferências sobre o tema quando ele não aparece de forma clara, algo que não será feito aqui. É neste ponto que se parte para a ideia específica deste artigo: oferecer um panorama e verificar quedas e ascensões, movimentos, portanto, no uso de termos pelas teses e dissertações realizadas no Brasil.

Outro estudo semelhante e que serve como parâmetro para os dados aqui levantados é o de Quadros, Mielniczuk e Barbosa (2006) que teve objetivo semelhante e mapeou os pioneiros da pesquisa sobre jornalismo digital no Brasil. O artigo em questão, porém, utiliza um número menor de palavras-chave e foca nos principais autores/orientadores em pesquisas sobre o tema na época. Algumas constatações feitas pelas autoras, como o pioneirismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) nas teses e dissertações, são reiteradas pelos dados encontrados aqui. O *ranking* geral que se encontra no artigo das pesquisadoras se aproxima com o desta pesquisa, mas a comparação entre os dois demonstra o quanto a situação mudou desde então.

Antes de prosseguir, vale realizar uma recuperação histórica sobre os Programas de Pós-Graduação (PPGs) da área em que esses trabalhos foram desenvolvidos. Para isso, aproveito-me da sistematização de Almeida (2018). Segunda a autora, em 1995 existiam 10 Programas de Pós-Graduação em Comunicação no Brasil: o da Universidade de São Paulo (USP); o da UFRJ; o da Universidade de Brasília (UnB); o da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); o da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP); o da Unicamp; o da UFBA; o da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), o da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos); o da UFRGS; e o da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Contudo, na primeira década de 2000 este número dobra. Em 2018, eram 55 programas em atividade. Atualmente existem 57.³ Os PPGs específicos em Jornalismo só surgiram em 2007, e são cinco: o da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); o da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG); o da Universidade Federal da Paraíba (UFPB); o do Centro Universitário FIAM-FAAM; e o da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) – sendo que os três últimos são mestrados profissionais. Outros cinco programas possuem linhas de pesquisa específicas em Jornalismo: o da Unisinos; o da UFRGS; o da Faculdade Cásper Líbero; o da Universidade Federal do Tocantins (UFT); e o da Universidade Federal do Piauí (UFPI).⁴

Esta recuperação é importante porque pode explicar alguns dos resultados, principalmente com relação ao número geral de trabalhos ao longo do tempo e ao *ranking* das universidades com maior número de pesquisas dentro do recorte. Agora, parte-se para a explicação da metodologia adotada.

Em busca dos usos

Para tentar materializar percepções oriundas da teoria, será realizada uma análise bibliométrica dentro das teses e dissertações agregadas no banco de dados da Capes. Entende-se o banco de teses e

³ De acordo com os dados disponíveis na Plataforma Sucupira: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>>.

⁴ Foram consultados os sites dos 57 programas em busca das linhas específicas. À época do trabalho de Almeida, a UnB também possuía uma linha de pesquisa em jornalismo.

dissertações da Capes como um repositório dos principais trabalhos produzidos nas instituições de ensino brasileiras, além de reconhecer que muitos dos artigos publicados em revistas científicas possuem, em alguma medida, relações com pesquisas de fundo que fazem parte deste banco de dados. Ademais, estes se tratam de dados públicos e abertos, o que facilita sua utilização.

Trata-se de um estudo de bibliometria que permite “construir indicadores de uma determinada área do saber” e que foi facilitado e ampliado pela “disponibilidade de novas fontes de informação disponíveis na web e em bibliotecas digitais” (GLÄNZEL, 2003; THELWALL, 2008 *apud* ROCHA; ZAUITH, 2016, p. 239). Reconhece-se a origem deste método na Ciência da Informação, que possui uma literatura bastante desenvolvida e uma série de técnicas próprias para esse tipo de estudo, porém não é o objetivo deste artigo revisar os fundamentos metodológicos da bibliometria, mas antes, sim, nos limites deste estudo, explorar suas potencialidades aplicadas ao manejo de dados. Trata-se, portanto, de um uso pragmático seu, aplicando-a livremente, apesar de sua longa trajetória científica no sentido de construir panoramas.

Os dados em questão estão disponibilizados por períodos no portal de Dados Abertos da Capes, sendo que cada ano está em uma planilha, nos formatos XLSX ou CSV, diferente. O primeiro passo, portanto, foi extrair cada uma das 25 planilhas. Os dados de 1987 a 2012, de 2013 a 2016 e de 2017 a 2019 estão formatados de modos diferentes entre si, portanto precisaram ser padronizados, tendo suas colunas renomeadas e reordenadas para que pudessem ser agregados em uma única planilha. Cabe destacar que, além deste, foram encontrados outros problemas no modo como os dados são apresentados.⁵ Isto nos faz acreditar que o esforço realizado aqui pode ser útil para trabalhos posteriores.

Todavia, destaca-se que o repositório da Capes apresenta problemas que estão além da apresentação. A falta de um vocabulário controlado⁶ faz com que os termos sejam adotados, muitas vezes, sem critérios objetivos e dificultem análises quantitativas. Este é um limite para estudos sobre as palavras-chave desse banco. A busca por agregar esses termos em grandes conjuntos também foi realizada de maneira subjetiva e exploratória, por isso é descrita detalhadamente no decorrer deste trabalho.

Ao contrário dos estudos de da Luz e Bomfim (2019) e de Rocha e Zauith (2016), a consulta realizada aqui foi orientada a partir de critérios próprios, avançando para além dos métodos dos buscadores próprio dos portais. Isto permitiu filtrar trabalhos que se preocupam com os temas escolhidos a ponto de colocá-los em seus títulos, resumos ou em palavras-chave. Tal especificidade pode ser positiva, já que se trata de um recorte mais delimitado, que coloca o pesquisador no controle de quais termos serão buscados e em quais campos de informação.

Trata-se de um grande volume de dados – somente no ano de 2019, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) contabilizou aproximadamente quarenta mil documentos. Portanto, optou-se por um primeiro filtro anterior à junção de todas as planilhas. Selecionou-se, em cada ano, somente os trabalhos produzidos em PPGs que possuem “jornalismo” ou “comunicação” em seus nomes. Depois disso, com base na sistematização feita por Almeida (2018) de todos os PPGs da área de 1972 a 2015, percebeu-se que existiam programas que não levavam nenhum dos dois termos em seus nomes;⁷ estes programas foram acrescentados ao recorte. Sendo assim, todos os trabalhos produzidos entre 1995 e 2019 foram agregados em uma única planilha. Ao todo, são 16.887 trabalhos registrados.

⁵ Um dos problemas, por exemplo, está na formatação dos arquivos .csv (*comma-separated values*), formato recomendado para planilhas com grandes volumes de dados. Por se tratarem de grandes textos, especialmente os resumos dos trabalhos possuem aspas e vírgulas que acabam separando o mesmo valor – neste caso, o resumo do trabalho – em múltiplas células e, conseqüentemente, desconfigurando o restante da planilha.

⁶ “[...] lista de termos elaborada para identificar o assunto ou os assuntos de um documento com especificidade bastante para permitir sua recuperação rápida e eficaz” (CURRÁS, 1995 *apud* MACULAN, 2011, p. 43-44).

⁷ São eles: Estudos da Mídia (UFRN), Mídia e Cotidiano (UFF), Imagem e Som (UFSCar), Múltiplos (Unicamp) e Meios e Processos Audiovisuais (USP).

A partir disso, realizou-se um novo filtro com a intenção de selecionar, de fato, quais trabalhos interessam ao recorte aqui proposto e preocupam-se com o jornalismo em alguma medida. Para isso, consultando trabalhos anteriores, optou-se por adaptar uma abordagem apresentada por Pontes e Silva (2010): foram mantidos somente os trabalhos que contêm “jorna”, “imprensa”, “reportagem” ou “repórter” em suas palavras-chave, resumos ou títulos. Optou-se pelo uso do termo “jorna” incompleto para conseguir agregar “jornal”, “jornalismo”, “jornalista”, “jornais”, entre outros.

Pontes e Silva (2010) selecionam também os trabalhos que contêm “revista”, excluindo as científicas, “assessoria de imprensa” e nomes de empresas jornalísticas. Consideramos que os trabalhos que contêm “assessoria de imprensa” estão englobados naqueles que usam o termo “imprensa”. Não consideramos o termo “revista” e nem nomes de empresas ou jornalistas em decorrência do esforço de filtro manual que seria necessário para identificá-los e por acreditar que os demais termos são eficientes por conter também os trabalhos que utilizariam estes dois últimos. Restaram 4.606 teses, dissertações, “produtos, processos ou técnicas” e documentos classificados pela Capes como “outros”.

Com a intenção de realizar uma análise pelas palavras-chave e títulos, foi necessário dividir essas palavras-chave em células individuais, já que a análise quantitativa seria atrapalhada pelo conjunto, tratando termos iguais como diferentes por causa daqueles que o acompanham. Com isso, ainda foi realizado um último filtro, desta vez manual, através de múltiplas leituras da lista de palavras-chave e da seleção daquelas relacionadas de alguma forma à tecnologia. Para este movimento, foram mantidos termos genéricos como “tecnologia”, nomes específicos de determinadas tecnologias como “internet”, “redes sociais” ou “realidade aumentada”, características do webjornalismo como “interatividade” ou “multimedialidade”, além de conceitos e nomenclaturas como “webjornalismo”, “ciberjornalismo”, “convergência”, “inovação” e até mesmo a ideia de “crise”. Alguns desses termos são anteriores à internet, como “inovação”, “crise” ou “interação”, por exemplo, mas são mantidos porque podem adquirir sentidos relacionados à tecnologia. Trata-se de um recorte abrangente, mas que está baseado nas leituras apresentadas na seção anterior, além de na bagagem adquirida na formação do pesquisador. Neste recorte, restaram 949 trabalhos.

O resultado final deste processo foram três planilhas: uma que agrega todos os trabalhos realizados em PPGs em jornalismo ou comunicação; uma que agrega somente aqueles que têm como objeto o jornalismo (nas versões com as palavras-chave agregadas e separadas); e uma última com todas as palavras-chave relacionadas a tecnologia e jornalismo e os respectivos trabalhos em que se encontram. Este se trata de um esforço relativamente grande no tratamento de dados que poderá ser aproveitado posteriormente por interessados em qualquer um destes três recortes. Afinal, são dados públicos e abertos agora organizados de modo a ficarem mais acessíveis e compreensíveis. Todo o processo, desde a coleta até a análise dos dados, foi realizado utilizando as seguintes ferramentas, livres, gratuitas e de código aberto. Para além da importância dessas características, os *softwares* em questão foram escolhidos em razão da experiência dos autores e da proximidade que possuem com cada um. São eles:

- *LibreOffice Calc*: programa de planilhas do pacote de *software* LibreOffice. Foi utilizado para visualização, primeira organização dos dados após o download do site da Capes e revisão manual das palavras-chave na última etapa do artigo;

- *OpenRefine*: programa de limpeza e transformação de dados. Utilizado para separar as palavras-chave, excluir caracteres indesejados e padronizar termos em caixa alta. Ao tratar os dados, o computador pode entender “JORNALISMO” e “jornalismo” como termos diferentes, por isso a etapa de limpeza é relevante, especialmente em uma base que não possui vocabulário controlado, como é o caso do repositório da Capes;

• *Python*: linguagem de programação. Foram utilizadas também as bibliotecas *Pandas*, para gerenciamento de bancos de dados, *Matplotlib*, para geração de figuras, *Numpy*, para processamento de funções matemáticas, *Natural Language Toolkit (NLTK)*, para processamento dos textos e palavras, *Wordcloud*, para criação das nuvens de palavras, e *Pillow*, dependência⁸ da ferramenta *Wordcloud* que auxilia no processamento de imagens. Foi utilizado o ambiente de desenvolvimento *JupyterLab*.

A opção pelo uso da linguagem de programação escolhida permite um olhar amplo para os dados e a utilização de filtros mais específicos. A análise foi realizada de maneira exploratória, o que se revelou útil na geração de *insights* para o artigo e também na correção constante de possíveis erros encontrados e falhas na limpeza dos dados. Foram geradas tabelas e gráficos sobre os dados mais caros ao estudo, considerando que o objetivo é desenhar um panorama. Inicialmente, foram realizadas contagens dos trabalhos por ano, universidade e PPG. Depois disso, voltou-se o olhar às palavras-chave, aos títulos e aos resumos.

Resultados

Para a apresentação dos resultados, foi realizado um movimento do geral ao específico. Os primeiros gráficos buscam permitir uma visão introdutória ao banco de dados em questão. A Figura 1 apresenta a quantidade de trabalhos por ano. Pode-se notar que os anos de 1996 e 1997 possuem um trabalho cada, mas que os números aumentam de fato em 1998,⁹ e praticamente dobram de 2010 para 2011. Isso pode estar relacionado ao surgimento de diversos PPGs na primeira década dos anos 2000 e também dos programas específicos em Jornalismo a partir de 2007. A quantidade de trabalhos varia ao longo do tempo, não apresentando um crescimento constante ao longo desses 24 anos. As quedas, porém, sempre foram superadas, e o número de trabalhos a partir da segunda década dos anos 2000 é muito superior ao da primeira.

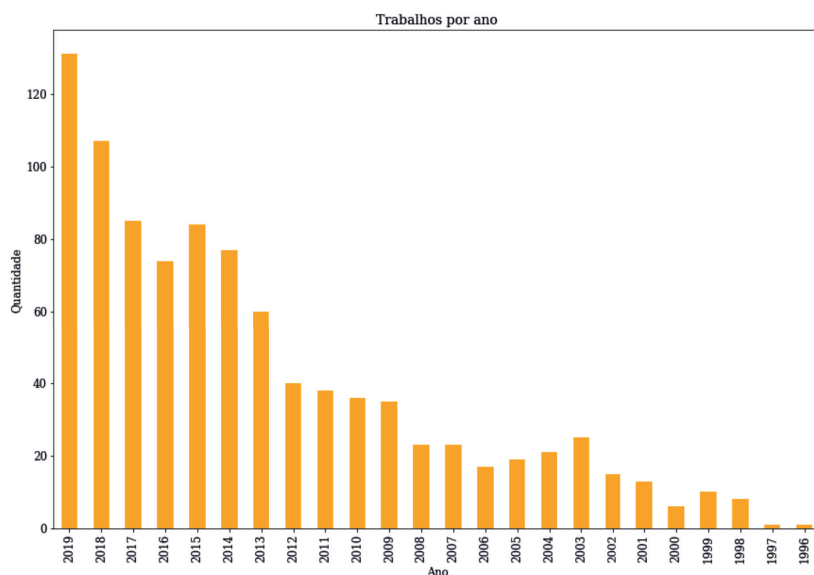


Figura 01: Quantidade de trabalhos por ano entre 1995 e 2019

Fonte: Elaborado pelos autores.

⁸ Termo utilizado para dizer que determinado programa é necessário para o funcionamento de outro.

⁹ Vale levar em consideração o tempo de duração de um mestrado ou de um doutorado. Se considerarmos 1995 como o ano em que a internet começa a ser utilizada pelo jornalismo brasileiro, podemos dizer que a pesquisa acompanha com rapidez o movimento da prática. Para poder fazer uma afirmação mais certa, seria interessante observar a publicação de artigos, dada a velocidade maior deste tipo de publicação, mas o foco deste artigo é outro.

Outra questão relevante para uma visão ampla é a quantidade de trabalhos de acordo com o tipo. As categorias utilizadas pela Capes são “Mestrado/Dissertação”, “Doutorado/Tese”, “Produto, processo ou técnica” e “Outros”. A maior parte dos trabalhos aqui analisados são do nível de mestrado, totalizando 771 trabalhos (81% do total). O número de teses é de 170 (18% do total). Apenas sete trabalhos são categorizados como “Produto, processo ou técnica”, e um está na categoria “Outros”. Importante levar em conta, para além do tempo maior reservado para a realização de um doutorado, que esses cursos surgiram depois. No recorte em questão, entre 1998 e 2001, foi publicada apenas uma tese por ano.

Um último dado introdutório interessante é o da Tabela 1 – um *ranking* dos vinte PPGs mais frequentes entre os trabalhos analisados. Nota-se que os programas com mais trabalhos são também os mais antigos, mas é importante destacar a forte presença de programas específicos em Jornalismo, o que se explica pelo recorte aqui escolhido, que foca naqueles trabalhos que têm como seu objeto de estudo o jornalismo. Se o interesse fosse realizar um *ranking* geral, as posições provavelmente estariam diferentes.

PROGRAMA	Nº DE TRABALHOS
USP – Ciências da Comunicação	66
UFBA – Comunicação e Cultura Contemporânea	64
PUC-RS – Comunicação Social	50
UFSC – Jornalismo	50
Unisinos – Ciências da Comunicação	46
PUC-SP – Comunicação e Semiótica	42
UMESP – Comunicação Social	41
UFPB – Jornalismo	36
UnB – Comunicação	35
UFRJ – Comunicação	32
UFPE – Comunicação	32
FCL – Comunicação	31
UFRGS – Comunicação e Informação	27
UNESP-Bauru – Comunicação	26
UTP – Comunicação e Linguagens	23
UFJF – Comunicação	22
UFPB – Comunicação e Culturas Midiáticas	20
UFSM – Comunicação	19
UFMS – Comunicação	17
UFRN – Estudos da Mídia	15
TOTAL	694

Tabela 01: *Ranking* dos vinte programas com maior número de trabalhos no recorte

Fonte: Elaborado pelos autores.

O *ranking* permite indicar onde os trabalhos sobre o tema estão sendo produzidos. É importante destacar que uma tabela semelhante faz parte do trabalho de Quadros, Mielniczuk e Barbosa (2006), e que a nova visualização demonstra mudanças relevantes do quadro de programas que estudam as relações entre o jornalismo e a internet.

A partir disso, parte-se para os dados específicos. Primeiro, foi realizada uma contagem das palavras mais frequentes nos títulos desses 949 trabalhos. Para isso, foi necessário “individualizar” as palavras dos títulos e excluir termos de ligação – como “de”, “um”, “e”, entre outros – para então agregar novamente os títulos e verificar a frequência. No primeiro ensaio, algumas das palavras mais frequentes foram: “estudo”, “análise” e “sobre”. Como o interesse maior está na relação jornalismo-tecnologia, foram excluídas, portanto, algumas palavras frequentes que não interessam ao escopo deste trabalho.¹⁰ Com isso, chegamos à Tabela 2, que contém uma lista das palavras individuais mais frequentes e o número de vezes que apareceram.

PALAVRA	QUANTIDADE
Digital	93
Internet	70
Convergência	53
Redes	52
Sociais	51
Digitais	48
Informação	48
Construção	42
Webjornalismo	41
Rede	41
TOTAL	694

Tabela 02: Palavras mais comuns nos títulos dos trabalhos

Fonte: Elaborado pelos autores.

Em decorrência da divisão por palavras individuais, é impossível identificar termos compostos, como “jornalismo digital”. Neste sentido, a análise das palavras-chave resolve parte do problema. Para o processo de análise das palavras-chave, foram utilizados recortes. Primeiro, na intenção de realizar um movimento transparente, serão apresentadas as palavras mais comuns do modo como estavam na planilha original, após um breve tratamento de limpeza, remoção de erros na digitação e extração dos dados. Utilizando esses mesmos dados, foi realizado um filtro identificando as “nomenclaturas” mais utilizadas para o jornalismo em ambientes digitais através daquelas que estavam dispostas nos trabalhos. Depois disso, foram agregadas palavras comuns em termos “guarda-chuva”, na intenção de alcançar uma visão mais panorâmica.

O processo foi realizado manualmente. Todos os termos utilizados foram aqueles dispostos nas palavras-chave, sem a inserção de nenhum termo externo encontrado no referencial teórico deste trabalho, por exemplo, que pudesse ser mais abrangente. É importante destacar que um mesmo trabalho pode apresentar mais de uma palavra. Ou seja, trata-se do número de aparições de cada palavra, e não do número de trabalhos especificamente. A Tabela 3 apresenta uma lista das palavras-chave mais comuns nos 949 trabalhos em questão.

¹⁰ TAs palavras excluídas foram: “estudo”, “análise”, “sobre”, “caso”, “jornalismo”, “jornalística”, “jornalístico”, “jornal”, “jornais”, “notícias”, “produções”, “produção”, “brasil”, “notícia”, “comunicação”, “uso” e “Paulo”.

PALAVRA	QUANTIDADE
Internet	117
Jornalismo digital	69
Jornalismo online	67
Webjornalismo	64
Convergência	57
Redes sociais	50
Tecnologia	33
Interatividade	32
Facebook	29
Ciberjornalismo	25
TOTAL	543

Tabela 03: Palavras mais comuns nas palavras-chave

Fonte: Elaborado pelos autores.

Pode-se observar que “internet” e “webjornalismo”, por exemplo, permanecem em destaque, assim como na tabela dos títulos. Porém, o número de ocorrências aumenta na maioria dos termos, e entram em cena também aqueles compostos por mais de uma palavra, como “jornalismo *online*”, “redes sociais” e “jornalismo digital”. Destaca-se também a presença do “Facebook”, rede social mais citada entre os trabalhos. Tal constatação provocou a necessidade de verificar quais outras redes apareceram nas pesquisas, o que foi tema de uma tabela específica.

A partir da identificação da grande frequência de termos que representam nomenclaturas para o jornalismo que é feito na internet – como “jornalismo *online*”, “jornalismo digital” ou “webjornalismo” –, foi realizado um filtro para manter apenas este tipo de termo, a fim de verificar quais deles são os mais comuns e como eles se comportaram ao longo do tempo. Na Tabela 4, a seguir, encontram-se as nomenclaturas identificadas e o número de vezes que apareceram.

NOMENCLATURA	QUANTIDADE
Webjornalismo (audiovisual, participativo, interior, local, midiaticizado)	73
Jornalismo digital	70
Jornalismo online	67
Ciberjornalismo	25
Jornalismo de dados/guido por dados	15
Jornalismo eletrônico	12
Jornalismo móvel/ubíquo	12
Jornalismo colaborativo	10
Jornalismo pós-industrial	8
Jornalismo imersivo	4
TOTAL	296

Tabela 04: Nomenclaturas identificadas nas palavras-chave e a quantidade de vezes que apareceram

Fonte: Elaborado pelos autores.

Percebe-se que os três primeiros termos são mais frequentes que os demais. Somados, representam 71% do total. Tal predominância, porém, se justifica quando se observa o comportamento desses termos ao longo do tempo. “Webjornalismo”, “jornalismo digital” e “jornalismo *online*” são constantes desde os primeiros trabalhos. Os demais, porém, surgiram mais recentemente e parecem ganhar força.

Outro fator relevante é o fato de que os três primeiros termos estão entre aqueles gerais apresentados por Salaverría (2019), enquanto os demais são específicos de determinados fenômenos que fazem parte dos primeiros. A única exceção é o “ciberjornalismo”, que é geral, mas aparece em menor número. Quando se observa os gráficos dos termos ao longo do tempo, porém, constata-se que o “ciberjornalismo”, que foi defendido por Salaverría em um trabalho de 2005, aparece pela primeira vez em 2008 e a partir disso assume relevância, sendo o segundo termo mais comum em 2019. Tal ocorrência é relevante para observar como os termos surgem na academia e reverberam algum tempo depois.

Isto pode ser visto na Figura 2. No primeiro gráfico, cada linha representa um termo. Em decorrência da grande quantidade de termos, a visualização é prejudicada, e, por isso, os gráficos seguintes apresentam cada termo individualmente, auxiliando na observação de cada uma das linhas e ajudando também na compreensão do primeiro gráfico.

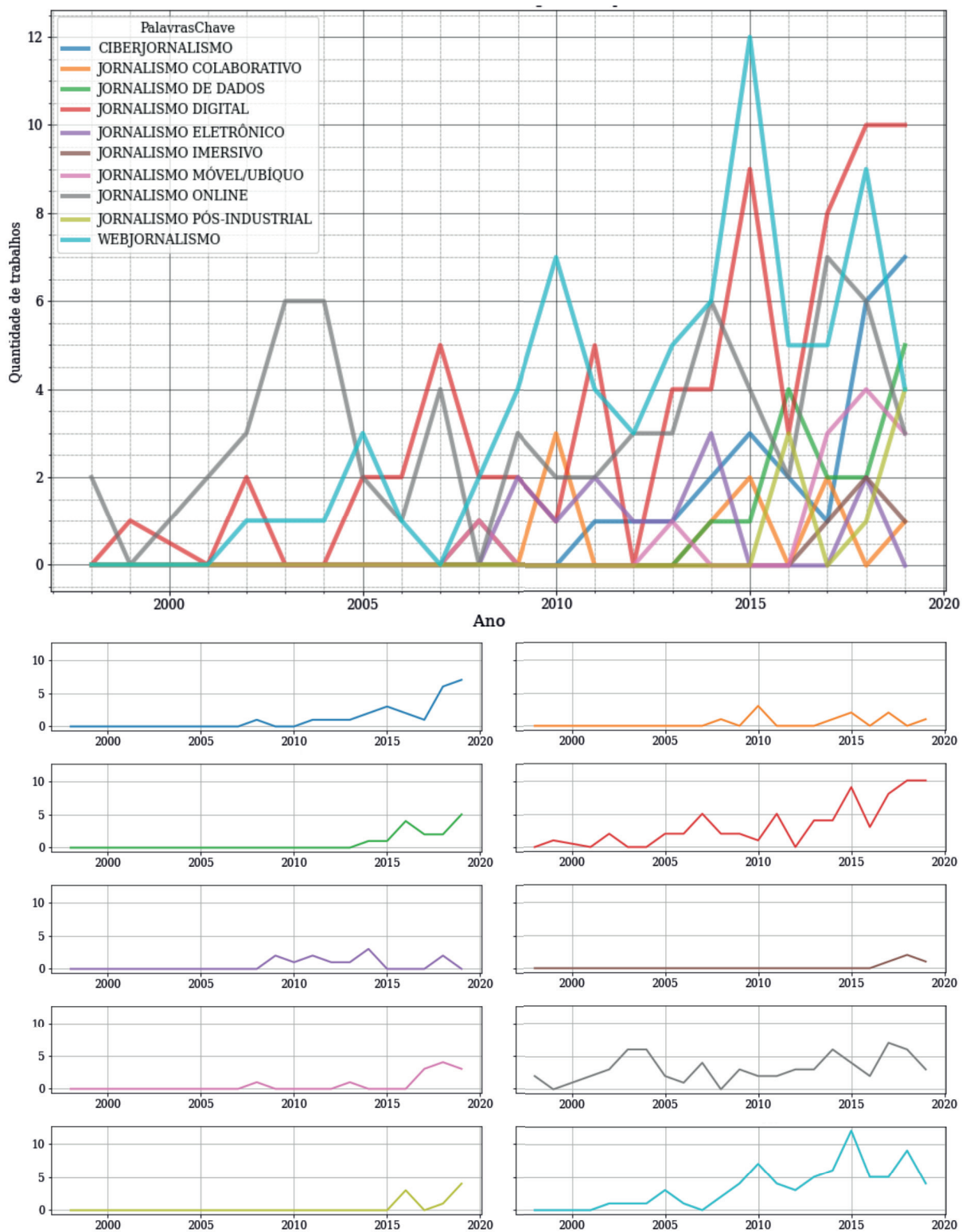


Figura 02: Comportamento das principais nomenclaturas ao longo do tempo

Fonte: Elaborado pelos autores.

Contata-se, ainda, que os termos mais específicos apresentam crescimento acentuado nos últimos anos, demonstrando o que pode ser entendido como uma “especialização” dos estudos. Por fim, parte-se para a visualização das dez palavras mais utilizadas depois de ser realizada a junção de termos semelhantes. Os termos estão apresentados a seguir, na Tabela 5. Novamente, prezando pela transparência, foram mantidas as principais palavras utilizadas em conjunto com o termo “guarda-chuva” identificado pelo pesquisador entre parênteses.

TERMO	QUANTIDADE
Internet	122
Convergência (Midiática, digital, jornalística...)	95
Redes sociais online/na internet/digitais	82
Webjornalismo (Participativo, audiovisual, midiaticado...)	74
Jornalismo digital	70
Jornalismo online	68
Interatividade/Interação	53
Blogs/Weblogs/Blogosfera	52
Tecnologia	40
Ciberjornalismo	25
TOTAL	681

Tabela 05: Dez termos mais comuns e suas quantidades de aparições

Fonte: Elaborado pelos autores.

O processo para análise é semelhante ao utilizado anteriormente. Os gráficos gerados estão na Figura 3, mantendo a mesma ideia do geral e dos específicos presente na Figura 2 para facilitar a visualização dos dados.

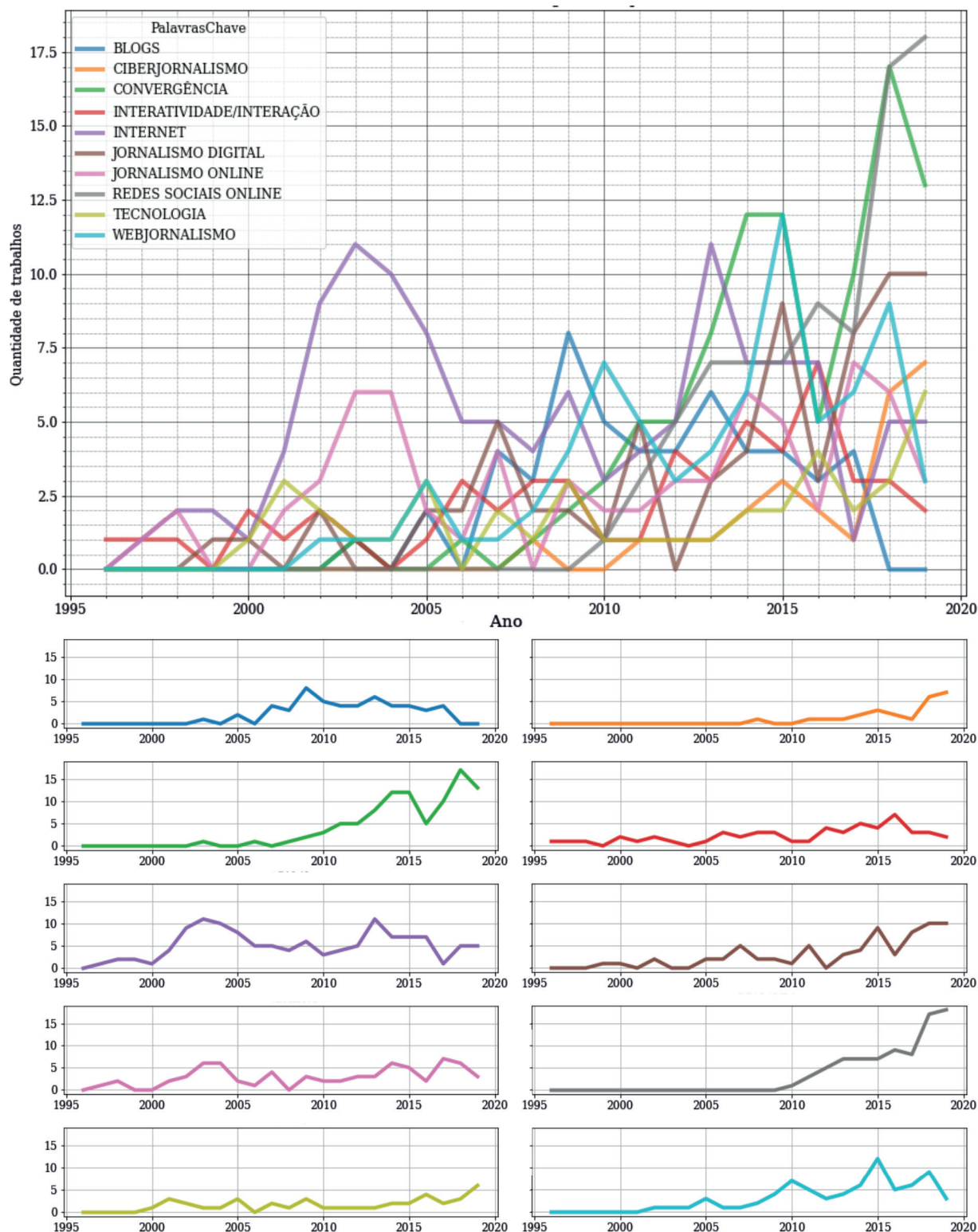


Figura 03: Principais palavras-chave ao longo do tempo

Fonte: Elaborado pelos autores.

Algumas ascensões identificadas como relevantes são as dos termos “inovação” e “redes sociais”, fenômenos cada vez mais caros aos estudos do jornalismo. As redes sociais, por causa das mudanças que geram no modelo de negócios jornalístico, além de se tornarem importantes espaços na circulação de notícias on-line. Já a inovação, por ser tomada por alguns autores como uma estratégia necessária para a sustentação econômica do jornalismo atual. O gráfico dos termos “blogs/weblogs” são reveladores da constatação de Salaverría (2019) de como eles foram importantes na primeira década dos anos 2000, mas perderam força. Sua queda coincide com o início da ascensão das redes sociais on-line.

Vale destacar, ainda, o pico da palavra “internet” no início dos estudos, quando os termos voltados especificamente ao jornalismo ainda não haviam sido incorporados. A “tecnologia” também é uma constante ao longo do tempo, mas nunca significativamente. Uma possível explicação é que o termo “tecnologia” pode ser entendido como um termo auxiliar, já que seu uso corrente está relacionado ao fator instrumental/técnico. Tais observações, em conjunto com as feitas no parágrafo anterior, podem indicar uma relação entre os estudos em jornalismo e os processos de inovação tecnológica. Isto fica visível também nos gráficos anteriores dos termos “jornalismo imersivo”, “jornalismo móvel” e “jornalismo de dados”. Ou seja, apesar de se tratar de um processo amplo, a tecnologia como inovação ainda é determinante.

É preciso falar, ainda, do gráfico do termo “convergência”. A queda observada por da Luz e Bomfim (2019) também pode ser vista no gráfico da Figura 3, mas ela antecede um pico ainda maior que o último, atingido em 2014. Portanto, a hipótese inicial de que a convergência poderia estar sendo substituída ou caindo em desuso não se confirma quando os dados mais recentes são analisados. Por fim, após a identificação da relevância do termo “Facebook” nas palavras-chave, apresenta-se mais um gráfico (Figura 4), acompanhado de uma tabela (Tabela 6), que agregam números gerais e ao longo do tempo sobre as aparições de redes sociais nos estudos.

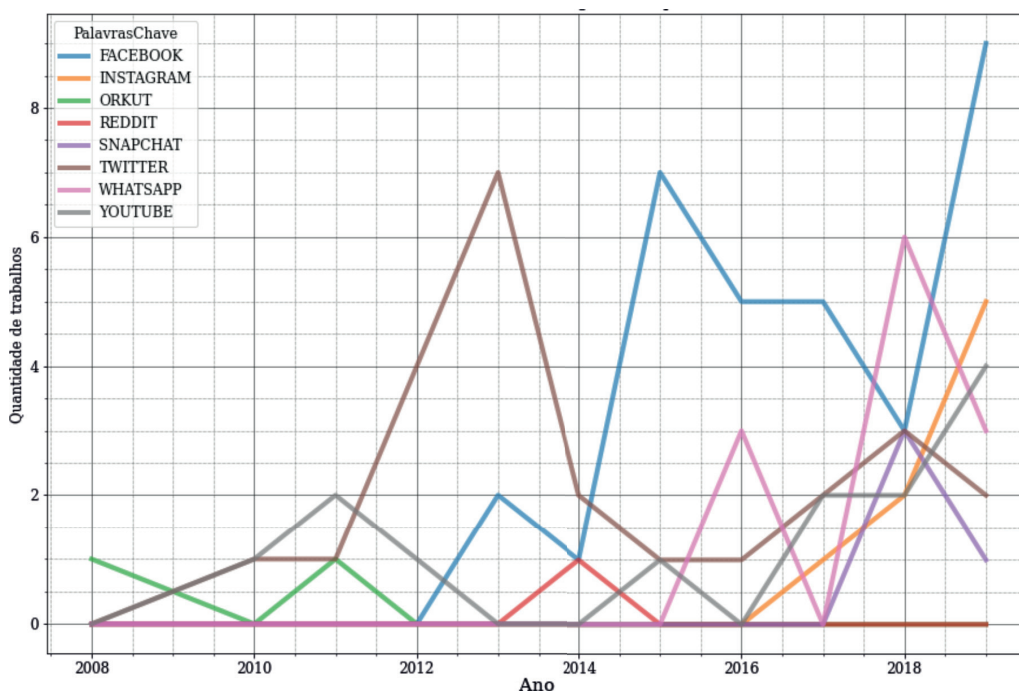


Figura 04: Número de aparições de redes sociais ao longo do tempo

Fonte: Elaborado pelos autores.

NOMENCLATURA	QUANTIDADE
Facebook	32
Twitter	24
Youtube	13
WhatsApp	12
Instagram	8
Snapchat	4
Orkut	2
Reddit	1
TOTAL	96

Tabela 06: Número total de aparições por rede social.

Fonte: Elaborado pelos autores.

O gráfico corrobora com a indicação anterior da existência de uma relação entre os estudos em jornalismo e os processos de inovação tecnológica – neste caso, o surgimento e a popularização de sites de redes sociais. Isto se revela na ascensão e na queda do Twitter – que hoje parece recuperar sua popularidade –, na popularização do Facebook e na ascensão recente do Instagram e do WhatsApp. Destaca-se também a presença em menor intensidade, mas constante, do Youtube, uma das redes mais antigas da lista, para além do Orkut e do Reddit, que, juntos, somam apenas três estudos.

Considerações finais

Este artigo apresentou um panorama dos estudos com temas relacionados a jornalismo e tecnologia realizados entre 1995 e 2019 em Programas de Pós-Graduação em Comunicação e Jornalismo. Através da exploração dos dados, foi possível identificar quedas e tendências ao longo desses quase 25 anos de pesquisa desde o surgimento do primeiro site jornalístico no Brasil. Algumas das constatações reiteram afirmações de estudos anteriores, como o de Salaverría (2019), quanto à popularização e à posterior queda nos estudos sobre blogs. Outras, demonstram fragilidades em previsões sobre esse objeto volátil que é a própria pesquisa, como foi o caso do crescimento no número de estudos de convergência nos últimos anos, que contradiz as observações de da Luz e Bomfim (2019). Outra observação é a mudança no panorama dos PPGs interessados no tema a partir da comparação com Quadros, Mielniczuk e Barbosa (2006).

Além disso, foi possível identificar o crescimento nos usos de termos cada vez mais específicos ou especializados, que tomam o lugar de termos genéricos como “internet” ou “jornalismo *online*”. Exemplos dessa tendência são os termos “redes sociais”, “jornalismo de dados” e “jornalismo móvel”. Percebe-se também uma forte ligação entre o surgimento de novas tecnologias e sua popularização e os estudos em jornalismo, como fica claro quando se olha para o número de aparições de cada rede social. Por fim, é possível também estabelecer relações entre o surgimento de termos em artigos populares e suas ascensões nos gráficos, como é o caso do “ciberjornalismo” e os textos de Salaverría. Para esta última afirmação, seria necessário um estudo específico para comprovar tais relações e identificar outros exemplos.

Muitas outras observações sobre os dados poderiam ser realizadas, assim como abordagens diferentes a partir de discussões epistêmicas da bibliometria com bases na Ciência da Informação e uma dis-

cussão aprofundada do método, que não foi realizada pelas condições de produção deste trabalho. Outros limites da pesquisa foram apresentados ao longo do texto e merecem ser recuperados: o banco de dados da Capes não possui vocabulário controlado e a opção por uma análise exploratória, assim como as escolhas descritas pelos pesquisadores podem acrescentar vieses ao artigo. Os limites são também possibilidades de avanço em esforços posteriores.

Ficam aqui quatro propostas para avançar ou complementar este trabalho:

- Identificação das palavras-chave mais utilizadas em cada universidade, estado e/ou região e criação de uma espécie de mapa das vertentes teóricas mais utilizadas por local do país;
- Comparação dos dados específicos com os dados gerais das palavras-chave ou o total de trabalhos em jornalismo, identificando o que as inferências aqui realizadas representam em um panorama geral;
- Verificação das palavras-chave mais comuns em cada um dos anos, identificando possíveis tendências que desabaram ao longo de uma década e meia de pesquisa;
- Pesquisa específica pelos termos presentes na revisão de Salaverría (2019) – ou em outras amplas revisões da área –, estratificados por categorias, como plataformas, linguagens etc.

Mesmo assim, acredita-se que este estudo colabora para uma visão ampla e panorâmica das teses e dissertações da área sobre um tema que é extremamente importante e transforma tanto a prática quanto a pesquisa. Ademais, a organização dos dados realizada pode ser útil para pesquisas posteriores, dada a dificuldade de acesso que existe aos dados públicos da Capes. Além disso, aqui trata-se de uma abordagem de coleta diferente de outros trabalhos consultados, que buscam os termos nos portais da Capes. É um método que permite recortes mais específicos e que podem ser escolhidos de acordo com critérios do próprio pesquisador.

Por fim, é possível identificar tendências e o enfraquecimento de termos e conceitos que podem ajudar na escolha das palavras que serão utilizadas nas pesquisas futuras dos leitores deste artigo e também de seus autores, podendo ser determinante para recortes em trabalhos posteriores.

Referências

AITAMURTO, T. Normative Paradoxes in 360 Journalism: Contested Accuracy and Objectivity. **New Media & Society**, v. 21, n. 1, p. 3-19, jan. 2019.

ALMEIDA, G. C. C. de. **A mulher na pesquisa em jornalismo teses e dissertações defendidas em Programas de Pós-Graduação em Jornalismo e Comunicação do Brasil (1972-2015)**. 149 f. 2018. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018.

ANDERSON, C. W.; BELL, E.; SHIRKY, C. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 30-89, abr.-jun. 2013.

BALDESSAR, M. J. Mundo digital: Jornal do Brasil na internet no tempo do PC 386. In: ENCONTRO DA ALCAR – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia, 7., 2009, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: UNIFOR, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/Mundo%20digital.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2021.

BARBOSA, S.; MACHADO, E.; PALACIOS, M. (Eds.). **GJOL – 20 anos de percurso: textos fundadores e metodológicos**. Salvador: EDUFBA, 2018.

BROERSMA, M.; ELDRIDGE II, S. A. Journalism and Social Media: Redistribution of power?. **Media and Communication**, v. 7, n. 1, p. 193-197, mar. 2019.

CARLSON, M. Sources as News Producers. In: WITSCHGE, T.; ANDERSON, C. W.; DOMINGO, D.; HERMIDA, A. (Eds.). **The SAGE Handbook of Digital Journalism**. Nova York: SAGE Publications Inc., 2016. p. 236-249.

COHEN, N. S. Entrepreneurial Journalism and the Precarious State of Media Work. **South Atlantic Quarterly**, v. 114, n. 3, p. 513-533, jul. 2015.

COHEN, N. S. At Work in the Digital Newsroom. **Digital Journalism**, v. 7, n. 5, p. 571-591, 2019.

DA LUZ, A. L. L.; BOMFIM, I. Convergência jornalística: uma revisão de métodos das dissertações e teses do banco da capes (2012-2017). **Revista Observatório**, Palmas, v. 5, n. 4, p. 335-358, jul.-set. 2019.

DOMÍNGUEZ, E. Going beyond the Classic News Narrative Convention: the Background to and Challenges of Immersion in Journalism. **Frontiers in Digital Humanities**, v. 4, p. 10, 2017.

FLORES, A. M. M. Jornalismo de inovação: um conceito múltiplo. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 13, n. 2, p. 156-179, ago. 2017.

GARSON, M. O conceito de convergência e suas armadilhas. **Galáxia**, São Paulo, n. 40, p. 57-70, jan.-abr. 2019.

GLÄNZEL, W. **Bibliometrics as a Research Field: a Course on Theory and Application of Bibliometrics Indicators**. 2003. Disponível em: <<https://bit.ly/38PwRF6>>. Acesso em: 26 maio 2022.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. Tradução de Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2015.

LENZI, A. A grande reportagem multimídia como expressão plena do jornalismo *online*: dos sucessos pioneiros aos produtos nativos digitais. In: HENRIQUES, F. et al. (Eds.). **Gênero, notícia e transformação social**. Aveiro: Ria Editorial, 2019. p. 279-299.

LEWIS, S. C.; MOLYNEUX, L. A Decade of Research on Social Media and Journalism: Assumptions, Blind Spots, and a Way Forward. **Media and Communication**, v. 6, n. 4, p. 11-23, 2018.

LONGHI, R. R.; LENZI, A. Práticas ciberjornalísticas em Realidade Virtual: inovação e impacto nos processos de produção. **Revista FAMECOS: Mídia, Cultura e Tecnologia**, Porto Alegre, v. 24, n. 3, p. ID26828, ago. 2017.

MACULAN, B. C. M. dos S. **Taxonomia facetada navegacional**: construção a partir de uma matriz categorial para trabalhos acadêmicos. 195 f. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

MAGNONI, A. F.; MIRANDA, G. V. Convergência midiática e cultura participativa: possíveis interações entre novas tecnologias e agentes sociais no campo da comunicação. **Parágrafo**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 185-198, jan.-abr. 2018.

PALACIOS, M. S.; GONÇALVES, E. M. **Manual de jornalismo na internet**: conceitos, noções práticas e um guia comentado das principais publicações jornalísticas digitais brasileiras e internacionais. Salvador: [s.n.], 1997.

PONTES, F. S.; SILVA, G. Percursos metodológicos e teóricos da pesquisa em história do jornalismo nas teses dos programas de comunicação do Brasil. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 6, n. 1, p. 179-194, jun. 2010.

QUADROS, C. I.; MIELNICZUK, L.; BARBOSA, S. Estudos sobre jornalismo digital no Brasil. **E-Compós**, v. 7, [s.p.], 2006. DOI: 10.30962/ec.119. Disponível em: <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/119>>. Acesso em: 26 maio 2022.

ROCHA, P. M.; ZAUITH, G. Análise bibliométrica das produções acadêmicas brasileiras sobre jornalismo científico e difusão científica durante o período de 2007 a 2013. **Conexão – Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, v. 15, n. 29, p. 235-254, jan./jun. 2016.

SALAVERRÍA, R. Periodismo digital: 25 años de investigación. Artículo de revisión. **Profesional de la Información**, v. 28, n. 1, e280101, 2019.

STORSUL, T.; KRUMSVIK, A. What is Media Innovation?. In: STORSUL, T.; KRUMSVIK, A. (Eds.). **Media Innovations: a Multidisciplinary Study of Change**. Gotemburgo: Nordicom, 2013. p. 13-26.

WAHL-JORGENSEN, K. An Emotional Turn in Journalism Studies?. **Digital Journalism**, v. 8, n. 2, p. 175-194, 2020.

Informações para textos em coautoria

Concepção e desenho do estudo

Lucas Santos Carmo Cabral

Aquisição, análise ou interpretação dos dados

Lucas Santos Carmo Cabral e Marcelo Engel Bronosky

Redação do manuscrito

Lucas Santos Carmo Cabral e Marcelo Engel Bronosky

Revisão crítica do conteúdo intelectual

Lucas Santos Carmo Cabral e Marcelo Engel Bronosky

Informações sobre o artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese

Não se aplica.

Fontes de financiamento

O autor Lucas Santos Carmo Cabral é bolsista do Programa de Demanda Social da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Considerações éticas

Não se aplica.

Declaração de conflito de interesses

Não se aplica.

Apresentação anterior

Não se aplica.

Agradecimentos/Contribuições adicionais

Agradecemos as importantes contribuições dos professores Felipe Simão Pontes e Ivan Bomfim no contexto da disciplina de Jornalismo e Convergência Tecnológica do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UEPG, em cujo âmbito este artigo foi desenvolvido. Agradecemos também os apontamentos dos pareceristas da E-Compós durante o processo de avaliação deste artigo.